

AUTORES BRASILEIROS NO JORNAL DO PARÁ: A PROSA NACIONAL NO RODAPÉ DAS PÁGINAS

Juliana Yeska Torres Mendes (UFPA)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

RESUMO: A escrita estrangeira nas colunas dos periódicos brasileiros era uma prática recorrente no século XIX, motivada pela forte influência europeia naquele momento ou ainda pelo fato de os periódicos estrangeiros ser pioneira na prática de publicação de narrativas ficcionais ao pé da página dos jornais, conhecido como rés-do-chão. Entretanto, a parcela de autoria nacional no Oitocentos se torna cada vez mais extensa à medida que os leitores são agraciados por suas histórias com ambientes e tramas bem peculiares ao Brasil. O periódico paraense *Jornal do Pará* circulou na cidade de Belém no período de 1862 a 1878, e foi elemento importante para a formação da imprensa paraense e divulgação de prosa literária no Brasil. Fonte de notícias oficiais, e de viés moralizante, o *Jornal do Pará* não deixou de publicar narrativas ficcionais no rodapé de suas páginas e contou com a presença de autores nacionais e também estrangeiros. Dessa forma, objetivamos recuperar as narrativas de autoria brasileira lançadas nesse jornal, considerar o espaço histórico e cultural no qual elas foram produzidas, além de analisar as temáticas dessas publicações e avaliar a relação entre elas. Até o andamento desta pesquisa, registramos a ocorrência de seis (06) autores nacionais. Em meio às autorias consagradas e desconhecidas, estão nomes como Machado de Assis, Cônego Francisco Bernardino de Souza, Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Jr, entre outros. Para este trabalho observaremos a produção do Cônego Francisco Bernardino de Souza presente no *Jornal do Pará*.

Palavras-chave: *Jornal do Pará*. Autores. Século XIX.

O Folhetim no Brasil

Após o grande sucesso da criação do folhetim na França, em 1836, pelo jornalista Émile Girardin, a inserção da nova moda de publicação em fatias foi inevitável no Brasil. Os primeiros periódicos a adotarem essa prática vinham da capital do Império, Rio de Janeiro, onde a instalação da Imprensa Régia foi determinante para o aumento do incentivo na circulação de prosa de ficção no Brasil. O folhetim era

acessível a todas as classes e possibilitou ampliar a prática de leitura na sociedade. Ademais, vários outros fatores ligados à produção de narrativas foram beneficiados e um deles foi a o aumento significativo de vendas de exemplares, uma vez que o folhetim estabelecia uma espécie de fidelidade com o leitor, que mal podia esperar o próximo número do jornal para descobrir a continuação da trama.

(...) O folhetim, portanto, instala-se no jornal e espalha-se em volume baratos pelas bibliotecas, onde, já o dissemos, é espantosa sua ocorrência. Muito embora o estudo de tiragem e público da imprensa brasileira ainda esteja por ser feito, o simples exame das modificações havidas no jornal leva a crer que, como na França, sua prosperidade esteve ligada diretamente ao sucesso e, portanto, à publicação do folhetim. E tal sucesso mostra igualmente, guardadas as proporções, a existência no Brasil de um público consumidor de novelas já suficiente para constituir em elemento favorável de venda de jornal.¹

No Pará, o folhetim também se consolidou como sucesso de vendas. O *Jornal do Pará* (1862 – 1878), periódico oitocentista que circulou da cidade de Belém, trazia em suas páginas um caráter moralizante forte e suas publicações eram embebecidas dos ideais que apoiavam. Órgão oficial do governo publicava assuntos de interesse do império como atos oficiais, informações sobre assembleias, entre outras. O jornal era impresso na tipografia *Santos & Irmãos*, de propriedade de Honório José dos Santos e que mais tarde seria assumida por seu filho Cypriano José dos Santos.

Várias eram as seções presentes no periódico pararoara: *Gazetilha*, *Parte Oficial*, *A pedido*, *Commercio*, *Exterior*, *Interior*, *Editaes*, *Comunicado*, *Litteratura*, *Variedade*, *Miscelânea* e *Folhetim*, sendo a coluna *Variedade* a que mais registrou prosa de ficção no período de existência do jornal. Na primeira página eram veiculadas informações referentes ao dia, ano, número de edição e valor de compra, além de notícias políticas. Era comum também encontrarmos a narrativa do dia impressa na primeira página, já que “As colunas, por sua vez, também não tinham lugar fixo, nem mesmo o Folhetim, carro-chefe de muitos jornais, que passava para a segunda página se

¹ MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma História**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 59.

havia algo mais importante para ser colocado em seu lugar” (BARBOSA, 2007, p. 36). Apesar de ser órgão oficial do governo, o periódico paraense publicou sobre diferentes temas, a fim de conquistar o disputado público.

2- Autorias Brasileiras

A autoria de textos é uma questão que surgiu ainda na Antiguidade. Se hoje, ao analisarmos uma obra é impossível fazê-la sem que se construa uma ponte com o autor, em outros tempos esta era uma ação absolutamente costumeira. Seria amplamente difícil para nós, leitores da atualidade, acreditar que um dia existiu um mundo em que textos pudessem circular anonimamente. É o que nos diz Foucault em seu texto “O que é um autor?²” (2002), obra que provocou o anseio em Roger Chartier (1999) a escrever sobre autoria mais tarde.

No Brasil do século XIX, a publicação de prosa de ficção em folhetins permitia um amplo espaço e oportunidade para a circulação de narrativas, principalmente nacionais, embora houvesse uma intensa influência europeia em tudo o que era produzido no Brasil. Algumas dessas narrativas não possuíam a assinatura de quem as produziram, ou eram assinaladas por pseudônimos, entretanto, outras narrativas eram traziam a assinatura de célebres escritores, alguns reconhecidos pelo público leitor até a atualidade. Este fator de notabilidade de um autor deve-se primordialmente ao público que o recebe, pois, segundo Candido:

Se a obra é mediadora entre o autor e o público, este é mediador entre o autor e a obra, na medida em que o autor só adquire plena consciência da obra quando ela lhe é mostrada através da reação de terceiros. Isto quer dizer que o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é

definição dele próprio. [...] Por isso, todo escritor depende do público.³

Dessa forma, o público para o qual um autor de prosa de ficção folhetinesca escrevia era preponderante. O retorno desse público leitor de folhetins era possível através de cartas e pedidos ao editor do jornal. À vista disso, o autor desempenha também um importante papel de formação social em uma comunidade de leitores. A aceitabilidade de sua obra e seu reconhecimento, mesmo que postumamente, só é gerado pelo leitor:

Escritor e obra constituem, pois, um par solidário, funcionalmente vinculado ao público; e no caso deste conhecer determinado livro apenas depois da morte do autor, a relação se faz em termos de posteridade. De modo geral, todavia, a existência de uma obra levará sempre, mais cedo ou mais tarde, a uma reação, mínima que seja; e o autor a sentirá no seu trabalho, inclusive quando ela lhe pesa pela ausência.⁴

No periódico *Jornal do Pará*, circularam um número de sessenta e cinco (65) narrativas. Dentre as autorias reconhecidas, identificamos até o momento seis (06) autores brasileiros que publicaram diferentes textos, são eles:

Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Júnior nascido em 1855 foi poeta, cronista, romancista, tradutor, jornalista, filólogo, professor e historiador brasileiro. Trabalhou como redator no periódico *O Fluminense*, de Niterói – Rj. Publicou no *Jornal do Pará* nos dias 13, 14 e 16 de janeiro de 1875 com o os Contos Macahenses “O Anjo da solidão”. O ano de morte do escritor é 1955.

Dr. Aureliano José Lessa foi Bacharel formado em Ciências Sociais e Jurídicas pela Academia de São Paulo. Seus versos acham-se na maior parte disseminados nos periódicos literários de São Paulo, do tempo em que o poeta ali cursava os estudos, mas o escritor publicou também no periódico, em 13 de maio do ano de 1873 com a narrativa “Uma visão”. O ano de nascimento do autor é 1822 e o de morte 1861.

³CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira** (momentos decisivos) 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ilimitada, 2000, p.84-85.

⁴CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008, p. 86.

O padre *Francisco Bernardino de Souza* (, conhecido colaborador do *Jornal das Famílias* (1863 – 1878), também foi poeta, memorialista, ensaísta, orador, tradutor, jornalista e professor membro do Instituto Histórico Brasileiro. Publicou no *Jornal das Famílias* até o ano de 1867, tanto nas seções de “Romances e Novelas”, quanto na de “História”. Responsável por pregar regras de boa conduta, seguindo a linha moralizante do jornal, tinha o papel de instrutor moral das moças e seus textos demonstravam como pode ser terrível a punição de quem viola as regras morais da sociedade. Dois de seus textos circularam no *Jornal do Pará*: “A filha de Jephé”, publicado em 09 de janeiro de 1875 e “A morte de Sanção”, publicado em 12 de janeiro de 1875.

Eduardo Ferreira França (1809 – 1857) era doutor em medicina pela faculdade de Paris, após um período foi nomeado professor de química médica e princípios elementares de mineralogia da faculdade da Bahia. Fazia parte de diversas associações literárias de jovens acadêmicos. “O Tesouro”, narrativa que circulou nas páginas do periódico paraense foi publicada nos dias 05 e 06 de setembro do ano de 1877.

Narcisa Amália, poetisa de obra vigorosa, forte e marcante. Não demorou para que a escritora maravilhasse a intelectualidade, que embora preconceituosa e machista, não teve como lhe poupar elogios. Seu livro de estreia, “Nebulosas” com poesias românticas bem ao gosto da época, foi ovacionado pela crítica. Teve a honra de receber a visita ilustre do Imperador Dom Pedro II que na ocasião ainda lhe compôs um poema inédito. Narcisa publicou seus poemas em vários jornais da época e editou livros. Trabalhou ainda no século XIX de forma intensa em favor da mulher, sua marca de publicação nessa esfera foi o livro “A Mulher do Século XIX” em 1892. Sua poesia se integrou às causas abolicionistas e republicanas. A narrativa “Nelumbia” circulou no *Jornal do Pará* em 19 e 20 de fevereiro de 1875. Narcisa nasceu em 1856 e faleceu em 1924.

Machado de Assis é um dos autores reconhecidos pelo público até a atualidade. Após 100 anos de sua morte (1839-1908) o autor ainda é referência em romances brasileiros. Suas obras se perpetuaram pela História da Literatura Brasileira e seus romances representam marcos no universo literário. Foi colaborador do *Jornal das Famílias* por longos anos e publicou em outros periódicos brasileiros. O memorável

escritor produziu aproximadamente duas centenas de contos – muitos deles publicados em periódicos - e organizou sete coletâneas de contos em vida.

Quanto à temática dessas narrativas, foram identificadas algumas semelhanças. As narrativas extraídas do periódico *Jornal das Famílias* (1863 – 1878) denotam o caráter moralizante em suas linhas. Tanto em “Muitos Anos Depois”, de Machado de Assis, como em “A filha de Jephé” e “A morte de Sanção”, ambas de Bernardino de Souza, erguiam tramas em que os transgressores das regras eram punidos, a fim de demonstrar ao público leitor daquela época o que não era de boa conduta. Vale lembrar que o *Jornal das Famílias* era um periódico para moças.

Além de o *Jornal do Pará* ter registrado um número significativo de autores brasileiros o periódico paraense extraiu textos, alguns nacionais, de outros periódicos daquela época. A tabela abaixo ilustra algumas dessas prosas de ficção compartilhada entre o *Jornal do Pará* e o *Jornal das Famílias*, ambos de viés moralizante, o que acreditamos ter sido a razão principal do diálogo estabelecido entre os dois periódicos:

Jornal das Famílias		Jornal do Pará
Prosas de ficção	Ano	Ano
<i>A noviça</i> (F.)	1866	1867
<i>Contos Macaenses: O anjo da Solidão</i> (Luís Leopoldo Fernandes Pinheiro Jr.)	1874	1875
<i>Muitos Anos Depois</i> (Lara – pseud. de Machado de Assis)	1847	1848
<i>A Beneficência Delicada</i> (Traduzido por Emilia Augusta Gomil de Penido)	1874	1875

<i>Ser visto</i> (T.)	1874	1876
<i>A Virtude Laureada</i> (Victoria Colonna)	1875	1877

Podemos observar que o tempo de diferença entre uma publicação e outra é relativamente pequeno. O conto de Machado de Assis, por exemplo, foi publicado apenas um ano mais tarde no periódico paraense, o que determina que o público leitor paraense não ficou à margem do que circulava na capital do Império.

A publicação de prosa de ficção de autoria nacional possibilitou ao público leitor conhecer narrativas muito peculiares e próximas de sua realidade, não raro o leitor acabava por se identificar com algum personagem, trama ou ambiente narrado. Este fato contribuiu para uma divulgação de escritores brasileiros que não tinham a oportunidade de veicular seus textos, pois o custo de publicação antes da chegada da imprensa no Brasil era alto. Além disso, os autores nacionais ainda tinham que lidar com a forte ocorrência de textos estrangeiros que eram comumente traduzidos e publicados nos jornais. É importante salientar que embora alguns desses autores não sejam amplamente estudados atualmente, eles sem dúvida alguma fizeram parte da constituição de nossa Literatura e, portanto, assim como os periódicos, são imprescindíveis para a pesquisa de produção, circulação e recepção de textos no universo literário do XIX.

Referências

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura**: a imprensa brasileira no século XIX. Porto alegre: Nova Prova, 2007.

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Terceiro volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1985.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Quinto volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1899.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Sexto volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1990.

_____. **Diccionario Bibliographico Brasileiro** (Sétimo volume). Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1902.

_____. **Formação da Literatura Brasileira** (momentos decisivos) 6.ed. Belo Horizonte: Itatiaia Ilimitada, 2000.

_____. **Literatura e Sociedade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Trad. Mary del Priore. Brasília: UnB, 1994.

MARTINS, Patrícia Carvalho. **Jornal do Pará**: o caminho literário entre espaços e diálogos na Belém oitocentista. 2011.p. 110. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal do Pará, Belém: 2011. Disponível em:<http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2832/6/Dissertacao_JornalPara.pdf>. Acesso em: 02/10/2014.

_____. **Jornal do Pará**: prosa e ficção na segunda metade do século XIX. TCC – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Faculdade de Letras, Belém, 2008.

_____. **Jornal do Pará**: A literatura brasileira na segunda metade do século XIX. Disponível em: <http://www.cielli.com.br/downloads/274.pdf>. Acesso em 03/09/20134.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma História**. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos Jornais do Mato-Grosso, séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2002.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

_____. **Colunas Literárias**: Variedades, Miscellaneas, Litteratura, Folhetins. Disponível em: <www.alb.com.br_anais15_sem03_GermanaMaria.pdf>. Acesso em: 26/07/ 2014.